

Desdobramento do Curso de Geografia e História

A Comissão de Educação e Cultura do Senado Federal aprovou o parecer do Sr. Flavio Guimarães sobre o projeto que trata do desdobramento do curso de Geografia e História da Faculdade de Filosofia. Declara o senador pelo Paraná em seu trabalho:

O artigo primeiro do projeto consubstancia-lhe o fundamento: O atual curso de Geografia e de História das Faculdades de Filosofia do País é desdobrado em dois cursos independentes: Curso de Geografia e curso de História.

Parágrafo único. O desdobramento a que se refere este artigo não importará em aumento de despesa, nem determinará a criação de novos cursos.

Basta atentemos para o prodigioso valor aquisitivo de conhecimentos das duas disciplinas e ficará ressaltante a necessidade evidente de serem desdobrados os respectivos cursos.

A Geografia atualmente se apresenta como ciência dominadora de tão extensos e profundos conhecimentos humanos, que houve quem preconizasse a especialização do grupo geográfico em Faculdades de Geografia. Por que, a geografia física pode ser estudada sob o aspecto climatológico, hidrográfico, orográfico e agrológico. A geografia biológica pode ser estudada, por parte que lhe é intrínseca, em dois poderosos ramos: a fitogeografia e a zoogeografia.

A geografia humana, a geografia astronômica e matemática, comportam tôdas inúmeras divisões e subdivisões.

A geografia poderá ser estudada, ainda, sob o aspecto filosófico ou seja a justa compreensão dos fatos geográficos ligados à existência humana, sob cujo prisma já foi largamente delineado por Kant, Herder e Lamarck. Pode ser ainda: militar, histórico-político, industrial, linguística, orosférica, pedológica marítima e sobreleva a geografia econômica, que estuda o homem em relação ao consumo, produção e circulação das riquezas. (Enciclopédia Portuguesa-Brasileira).

A preocupação atual não é simplesmente o relevo geográfico, com a infundável e exaustiva decoração de nomes, mas compreender determinada porção da geografia física, da geografia matemática, da geografia política, da geografia histórica, zoológica, militar, marítima, humana, linguística, filosófica, etc.

E quanto ao ensino da história, que é a narração completa dos acontecimentos no tempo, ou "a representação atual sob a forma de narração sistemática dos fatos e dos acontecimentos de toda a espécie realizados no passado" a complexidade é, igualmente, absorvente.

O estudo da história pode ser universal, ou geral, na produção metódica de acontecimentos ligados a grupos especiais. Pode ser simplesmente o estudo da história antiga, ou da moderna, ou da média. Particular-

mente ha especialistas devotados a conhecimentos específicos da história de Roma, da Grécia, do Brasil, dos Estados Unidos, da América do Sul, da América do Norte, da América Central ou a história de biografias humanas.

O estudo que a história faz dos movimentos mais importantes das sociedades humanas pode ser profano, religioso, leigo, sagrado, eclesiástico, da civilização cristã, dos governos, dos reis, dos continentes, das guerras, das revoluções. Ainda o complemento da filosofia da história, que deduz leis sociológicas do destino do homem sobre a face da terra e pode prever, pelas deduções anteriores, determinados acontecimentos futuros.

Paulo Setubal, maravilhoso escritor, foi o encantador romancista da história do Brasil e deu maior amplitude pedagógica e maior claridade a narrativas peçadas de datas e ensinamentos obscuros e sombrios. Porque, os métodos educativos da história, como ensina Froebel devem ser feitos em narrativas animadas, cheias de vida e encanto; o relato dos acontecimentos animados do passado deve ser contado aos alunos, abrindo-lhes a receptividade atenta e cuidadosa.

Rocha Pombo nega que a história seja mero registro de fatos sociais armazenados, através do tempo, porque "precisa haver esforços, no intuito de apanhar sentido em que se exerce a ação coletiva de um agrupa-

mento humano". E arremata: "Para os modernos consiste a tarefa do historiador em apanhar, cada vez mais e com precisão e o mais nitidamente possível as relações entre os fatos humanos, para sabermos cada vez melhor e com segurança em que sentido eles se vão desenvolvendo".

Na justificativa do projeto, o ilustre deputado José Alves Linhares lembra que, em 1940, o Congresso de Geografia realizado em Florianópolis aprovou a recomendação que encarecia a necessidade urgente de ser ensinado o curso de história, separadamente, do curso de Geografia. Lembra ainda a douta justificação que o Conselho Nacional de Geografia, em diversos apêlos, propugna pela sábia medida. E cita a resolução número 156 de 18 de abril de 1944, do Diretório Central e a Mensagem dirigida ao ministro da Educação, pela Assembléia Geral daquele Conselho, cheio de iniciativas utilíssimas à vida nacional.

A Congregação da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, em consonância com as mesmas idéias pedagógicas, não só aguardava a concretização da proposta, como também porque tornara autônomas as duas disciplinas e livres no regime de trabalho.

Vê-se, assim, que o projeto está em condições de ser aprovado.